Paz e Bem!

10-05-2012

Saúdo todos os presentes e felicito, cordialmente, a cada um, pelo grande contributo que, através dos meios de comunicação dá à Obra de Evangelização.

No âmbito das celebrações do 8º centenário da Consagração de Santa Clara e Fundação da Ordem das Irmãs Clarissas, pareceu conveniente que a mensagem do Papa – Silêncio e Palavra - fosse lida em chave clariana. Uma bela homenagem à padroeira da televisão. Agradeço, sinceramente, o convite e peço àqu’Ele que se manifesta no silêncio, se digne comunicar o que eu não souber dizer. Não farei uma apresentação académica mas, apenas, uma pequena partilha da leitura do documento, falando um pouco da experiência de silêncio no mosteiro.

Segundo a minha leitura, no discurso do Papa percebe-se uma progressão em relação à comunicação e ao silêncio. Numa primeira parte, centra-se na comunicação em geral, realçando o grande bem que é, em si, o facto de as pessoas partilharem experiências e notícias.

Nesta parte da reflexão papal, para que a comunicação seja humana e humanizante é necessário o **Silêncio para escutar**, para deixar que cada pessoa se exprima, no respeito pela diferença de pensamento. Costumamos ouvir segundo o que temos dentro, a partir dos nossos registos internos, o que pode levar a não captarmos o que a outra pessoa tem para nos dizer. O silêncio como escuta, deixando que a mensagem nos seja transmitida na totalidade, sem interrupções, poderá ser o primeiro passo. Permitir que a comunicação cumpra a sua finalidade de ligar as pessoas.

A este respeito temos uma bela admoestação na nossa Regra. A mãe Santa Clara quer que, nas reuniões, se oiçam todas as irmãs, “*porque, muitas vezes, o Senhor revela ao menor o que é melhor”[[1]](#footnote-1)*. Na partilha comunitária que, diariamente, fazemos da Palavra, comentamos frequentemente: “Que enriquecimento nos vem desta partilha! De onde, por vezes, se não esperava, surgem pensamentos impressionantes!” Sentimos que escutar as Irmãs é verdadeiramente importante.

 **Silêncio para discernir**

Face à multiplicidade de meios de comunicação, o Papa comenta: *o homem de hoje vê-se, frequentemente, bombardeado por  respostas a questões que nunca se pôs e a necessidades que não sente. O silêncio é precioso para favorecer o necessário* ***discernimento*** *entre os inúmeros estímulos e as muitas respostas que recebemos, justamente para identificar e focalizar as perguntas verdadeiramente importantes.*

Embora se costume distinguir entre o formar e informar, sabemos que a raiz da palavra informar – *informare* – é dar forma a alguma coisa. A informação tende a formar o nosso pensamento, explorando, não raro, a nossa **emotividade**, que pesa de modo determinante na nossa opinião. Como furtar-se a esta consequência normal de receptor? Pelo silêncio. No meio do aturdimento e mesmo frustração que pode advir da excessiva informação, a capacidade de parar e reflectir é decisiva para quem deseja manter o seu pensamento, enriquecido mas não confundido pela invasão informativa que lhe chega.

Penso que, a atitude magistral, neste aspecto, nos é apresentada por Lucas: “*sua Mãe guardava todas estas coisas, meditando-as em seu coração”[[2]](#footnote-2)*. O silêncio tem o condão de nos arrancar à mera condição de espectadores, à mercê das sensações cegas produzidas pelas imagens e mensagens, e torna-nos autocríticos e maduros à hora de emitir opinião. A serenidade, a maturidade, a ponderação e força surpreendente da Mãe, retratada por todos os evangelistas, vem-lhe, certamente, desta capacidade de meditar os acontecimentos, relendo-os no coração. E Jesus, a sua inaudita serenidade não lhe vinha das noites passadas em silêncio com o Pai? E, antes de avançar para a Paixão, não precisou Ele do longo silêncio diante do Pai, no Getsémani?

O Papa fala da necessidade de criar um «***ecossistema*** *capaz de equilibrar silêncio,  palavra, imagens e sons».*

Um Mosteiro deve funcionar sempre como ecossistema, não só porque na sua vida interna tem mesmo de limitar o uso dos meios de comunicação, mas também como local onde, quem o desejar se pode acolher a fazer pausa, a procurar respostas para as interrogações vitais suscitadas pela globalidade da comunicação: - *Quem sou eu? Que posso saber? Que devo fazer? Que posso esperar?”* Cada vez mais, os mosteiros são convidados a reservar espaços para este acolhimento, além da Igreja, habitualmente aberta ao público (o nosso mosteiro está, também, a adaptar espaços nesse sentido).

 No que eu considero segunda parte da mensagem, o Papa centra-se na Comunicação por excelência, o ANUNCIO DA BOA NOVA, pelo que este dia é celebrado na solenidade da Ascensão.

Nesta segunda parte, o silêncio é um silêncio habitado, silêncio que se torna contemplação, necessário para que as palavras emanem da Palavra, de modo que o anúncio possa ser como o da samaritana: já não é por aquilo que me disseram que eu falo, mas porque que eu próprio o experimentei no Encontro com Ele.

O silêncio é constitutivo do nosso carisma. Um silêncio que deve ser habitado, por isso fecundo. Na Bula da Canonização de Santa Clara, diz-se que, «*enquanto Clara calava, no silêncio do claustro, a sua fama gritava pelas cidades*»[[3]](#footnote-3). E ela deixou-nos este legado e com ele o amor intenso à Eucaristia. Daí, as Irmãs Clarissas terem adoração permanente. Costumo dizer que, o silêncio da adoração molda a Irmã Clarissa. Aqui se abraçam o silêncio e a palavra. Porque, além de silêncio, a adoração é também intercessão; a forma de a Irmã estar em todas as situações, conhecidas quer através das notícias transmitidas pelos meios de comunicação, quer através das pessoas que, directamente, vêm ao Mosteiro. Ao jeito da Mãe, que segreda a Jesus quando em Caná falta o vinho, a Irmã Clarissa procura apresentar ao Pai as necessidades dos Irmãos.

Sendo este modo de vida uma entrega em gratuidade, o Pai confirma-nos constantemente na vocação, através de pessoas que vêm agradecer as preces atendidas ou a graça da paz sentida no mosteiro. E vivemos, assim, a alegria da mulher *«que se alegra com a moeda encontrada*»[[4]](#footnote-4).

Considerando o sentido de busca patente na Comunicação, o Papa salienta que “*a questão fundamental sobre o sentido do homem encontra a resposta capaz de pacificar a inquietação do coração humano no Mistério de Cristo”* É este mistério que preenche o silêncio do Mosteiro e faz que seja um silêncio habitado. Clara, centrada totalmente neste Mistério, não ensinava outra via ascética a não ser um amor profundo, esponsal, ao Senhor Jesus Cristo: “A*mando-O, sereis casta; abraçando-O, ficareis mais pura*”[[5]](#footnote-5). Este silêncio habitado é entrega gozosa, e Clara, encerrada durante 42 anos, não sentiu o tédio da vida mas morreu exclamando: “*bendito sejais, Senhor, porque me criastes”!*

O Papa recorda, ainda, que, a comunicação mais profunda se faz no silêncio: *“No silêncio da Cruz fala a* *eloquência do Amor de Deus vivido até ao dom supremo*.” A vida contemplativa insere-se neste mistério da Cruz, mediante a entrega silenciosa unida a Jesus, por Ele, com Ele e n’Ele. Na cruz parece acabar a Esperança, e é aí que ela começa. Quando uma jovem entra num mosteiro, quantas vezes se diz que se foi enterrar, ou algo no género. É o mistério da Cruz que lhe dá sentido. Semeia-se, sem se ver fruto de momento, mas cada pétala desfolhada, por Ele e com Ele, no viver do dia-a-dia, leva em si uma esperança de ressurreição. Por vezes não sabemos bem onde, mas sabemos que ela irá germinar no seu inefável Corpo Místico.

O silêncio é a alma de um mosteiro. Sem ele, a vida em clausura não teria sentido, seria impossível de viver. É o silêncio que protege a individualidade, sem individualismo, na vida em comunidade. É o silêncio que cria o clima do “*permanecei em Mim”* (Jo 15, 1), tão insistentemente recomendado por Jesus

Mas o silêncio é uma conquista permanente. Cada Comunidade, consciente de que aqui reside o segredo, o núcleo da vida contemplativa, nele insiste continuamente. Ao silêncio somos constantemente chamadas, em capítulos, revisão de vida, etc. O silêncio é mesmo vital. Silêncio, a que chamo **pacificação interior,** iluminado pela Palavra, que nos faz viva a presença do Pai.

Há momentos em que experimentamos, de modo convincente, o poder do silêncio. Vou tentar ilustrar com um exemplo. A comunicação chega-nos, com frequência, em primeira mão, ou seja, como desabafo da pessoa que busca apoio. A Irmã Clarissa deve ser “*suporte dos membros mais débeis do Corpo inefável de Cristo*[[6]](#footnote-6)”. Exemplo prático: Telefona uma pessoa, para falar de um problema. Após 15 ou 20 minutos a ouvir, começo, interiormente, a questionar-me: “ O que é que eu tenho a ver com tudo isto? O que é que eu posso fazer? Oiço mais algum tempo, e quando sinto que já estou bem por dentro do assunto e que o prolongamento seria, apenas, manter conversa, procuro rematar. Entretanto, a emotividade tende a inclinar a vontade para um ou outro lado da questão que me é posta. Qual a minha atitude? Entro no oratório, faço silêncio (silenciamento interior) durante 10 ou 15 minutos e a seguir sinto-me calma, e oro pelas duas partes. O tempo de silêncio acalmou a emotividade que, durante a conversa, fora tomando partido por um dos lados. Após o silêncio na presença d’Ele, cessou o mal-estar e oro pelas duas pessoas. É como se, após o silenciamento colocássemos os óculos do Pai e víssemos as pessoas – todas as pessoas – através deles. Pela graça do Senhor, há situações que, aparecendo, ao princípio, complicadas, se vão amenizando, ao ritmo da oração. Penso que o silêncio nos subtrai aos dois perigos assinalados pelo Papa: o desinteresse, numa atenção já calejada de tanta notícia ouvir; e o aturdimento das múltiplas sensações deixadas em nós pelo excesso de informação mal digerida. A partir do silêncio, eu vejo todos os intervenientes como filhos do Pai e sinto-me impelida a fazer por cada um o que de mim depende.

Como actuar, no caso do jornalista? Também ele é, em primeiro lugar, receptor e entra, certamente, no que se diz sobre o silêncio.

Resumindo: o silêncio tem a missão de conferir, na informação em geral, a independência de critérios e um relacionamento humano e humanizante.

No campo da evangelização, o silêncio conduz à contemplação, à Fé madura, alicerçada no Encontro silencioso, de modo que o anúncio seja como o de João: «*o que vimos e ouvimos, o que nossas mãos palparam, isso vos anunciamos»[[7]](#footnote-7).*

**Conlusão**:

Para concluir, seja-me permitido citar um parágrafo do discurso de envio que nos dirigiu o nosso Ministro Geral em Assis, em Fevereiro passado, e que assumo como programa de vida:

“Ide, amadas de Deus e dos homens (cf. 4Cta 40), e com o vosso silêncio habitado, ajudai o homem de hoje a recuperar a arte do silêncio, que a sociedade actual perdeu. Recordai-nos que o silêncio é o maior mestre da vida, não somente porque nos coloca diante de nós mesmos, e nos recorda o que ainda não alcançamos em nosso interior, mas porque a voz de Deus, vem, geralmente, precedida do silêncio; o silêncio é o vazio sonoro em que o eu se encontra com o Tu de Deus. Ajudai-nos a descobrir que um dia sem silêncio é um dia sem a presença do eu, um dia sem o consolo de Deus, e que só o silêncio nos dá o Deus que é o Sossego e nos ensina o que devemos dizer. Mostrai-nos a beleza da solidão habitada que vós escolhestes livremente”[[8]](#footnote-8).

irmã Maria Albertina, clarissa do Mosteiro de São José, Vila das Aves.

1. RCL 8,17-18 [↑](#footnote-ref-1)
2. Lc 2, 51 [↑](#footnote-ref-2)
3. BLC,4 [↑](#footnote-ref-3)
4. Lc 15,6 [↑](#footnote-ref-4)
5. 1CCL, 8 [↑](#footnote-ref-5)
6. 3CCL,8 [↑](#footnote-ref-6)
7. 1Jo 1,1 [↑](#footnote-ref-7)
8. http://www.ofm.org/ofm/?p=1677&lang=es [↑](#footnote-ref-8)